



Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior

Circular nº 369/2022

Brasília(DF), 07 de outubro de 2022

Às seções sindicais, secretarias regionais e à(o)s diretora(e)s do ANDES-SN

Companheiro(a)s,

Encaminhamos o relatório da reunião conjunta do Grupo de Trabalho História do Movimento Docente (GTHMD), Comissão da Verdade do ANDES-SN e CEDOC, realizada nos dias 17 e 18 de setembro de 2022, que ocorreu de forma presencial, em São Paulo(SP).

Sem mais para o momento, renovamos nossas cordiais saudações sindicais e universitárias.

Profª. Francieli Rebelatto
2ª Secretária



Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior

RELATÓRIO DA REUNIÃO DOS PLENOS DOS GT-HMD, COMISSÃO DA VERDADE E CEDOC

Data: 17 e 18/09/2022

Horário: Das 09h30 às 12h30 e das 14h às 18h

Local: Sede da Regional São Paulo do ANDES-SN

PRESENTES:

Diretoria – Coordenação dos GTs: Milton Pinheiro; Sandra Marinho e José Sávio da Costa Maia.

Seções Sindicais: Júlio Ricardo Quevedo (SEDUFMS); Júlio César Emboava Spanó (ADUFPEL); Regina Célia da Silva (ADUNICAMP); Marinalva Vilar de Lima (ADUFCEG); Michele Schultz (ADUSP); Edson Franco (ADUFPB); Fernando Cássio (ADUFABC); Sidney Ruocco e Silma do Carmo Nunes (ADUFU); Ana Livia Adriano (ADUFF).

PAUTA:

- 1 – Informes
- 2 – Memória viva do movimento docente
- 3 – Projeto sobre História Oral
- 4 – Comissão da Verdade e Centros de Documentação
- 5 – Projeto sobre o Plano Condor

Milton Pinheiro, coordenador da reunião deu início, fazendo uma rodada de apresentações, onde o(a)s presentes fizeram suas falas apontando sua vinculação com os GTs HMD e Comissão da Verdade. Milton fez a leitura das Resoluções aprovadas no 39º Congresso, 40º Congresso e 65º CONAD, para iniciar os debates. Informou sobre o caderno especial publicado pelo ANDES-SN em comemoração aos quarenta anos e sobre as questões indicadas pelo CONAD, acerca do projeto História Viva e do projeto



Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior

itinerante da História do Movimento Docente, com os banners produzidos sobre os 40 anos do ANDES-SN. Foi lido na sequência o informe do CEDOC, enviado a esta reunião pelo seu coordenador, professor Luiz Henrique dos Santos Blume. A partir dos informes a professora Marinalva Vilar fez uma consideração sobre o peso das estantes móveis e indicou que o ANDES-SN tenha um/a arquivista profissional e a criação de uma equipe de estagiários para realizar essas tarefas. Milton esclareceu que o CEDOC, há muito carece de estrutura e, entende que nosso material do ponto de vista do peso, não vai ser um problema. Michele falou que se preocupa com a contratação de estagiários, pois esse material é muito sensível e, portanto, incompatível com a rotatividade. Silma fala que é necessário a existência de um arquivologista e estagiários, pois o trabalho com memória é muito sensível, não dá para descartar memória que depois não possa ser recuperada. Também critica o espaço do 3º andar. Sugere montar um grupo de trabalho para junto com o Blume auxiliar nesse processo. Júlio César relata que em 2013, a ideia de arquivo compactado já vinha sendo criticado, pois nem todos conseguem acessar. Comenta que manter arquivo em papel é muito perigoso, pois um incêndio pode acabar tudo, sugere o torrent para organizar os arquivos. Encaminha que o ANDES-SN construa uma comissão para construir esse arquivo nas nuvens. Júlio Quevedo comenta sobre a possibilidade de seções sindicais quererem enviar para o ANDES-SN seus arquivos, que a SEDUFMSM, contratou uma empresa para organizar os arquivos e essa relação se perdeu, portanto, a preocupação com quem se encarrega de administrar esse material. Entende que o terceiro andar não comporta o arquivo da entidade. Ana Livia disse que várias questões atravessaram a sua AD e a ação mais premente foi a contratação de um profissional para tratar dos arquivos. Mas cada gestão vê essa situação de maneira diferente. Michele fez uma fala destacando que a memória tem relação direta com a história do movimento. Comentou que sua AD tem uma produção bastante intensa de materiais sobre a ditadura, muito em função do jornalista Pedro Pomar que é filho de um assassinado pela ditadura. Fala da produção de um livro e agora sua reedição em uma publicação especial, mas a pandemia redirecionou as ações, contudo a ADUSP tem uma quantidade de figuras tipo FHC, Marilena Chaui,



Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior

talvez, até Delfin Neto, que constam nessa relação de possíveis entrevistado(a)s. Marinalva relata a posição do professor aposentado da USP, Marcos Silva e o interesse deste em escrever sobre essa questão. Argumenta que o espaço dedicado aos arquivos deve ser bem pensado em termos de volume, pois as seções pequenas podem querer enviar seus materiais para o ANDES-SN, critica as nuvens, pois na visão de Zizek, caímos nos domínios das grandes corporações. Indica a necessidade de um modelo para que o acesso seja facilitado, citou ainda que a UFPEL tem um modelo muito bom de arquivo, assim como o da PUC-SP. Por fim, disse que quer entender melhor o papel do GT. Na sequência o professor Milton abre o ponto Memória Viva do Movimento Docente. Júlio Quevedo – pergunta se a ideia inicial é ter um arquivo só com dirigentes, ou se é mais amplo. Milton explicou que é mais amplo, destacando docentes, técnicos, estudantes e pessoas que de alguma maneira sofreram as atrocidades do regime. Júlio César, aponta que a ADUFPEL, tem uma pessoa que tem uma memória que precisa ser registrada, há nuances da história que papel não conta, machismo, racismo, tortura só quem viveu sabe contar, elogia a iniciativa do Blume, quando se refere a nuvem, há imensas possibilidades de arquivar. Critica a possibilidade de uso de estagiário(a)s por conta da efemeridade. Nós mesmos esquecemos coisas que vivemos, precisamos voltar rapidamente para resgatar o que vivemos. Michele retoma a palavra e diz que não tem uma crítica específica a nuvem, mas acha que precisamos diversificar as formas de armazenamento, uma coisa não deve inviabilizar a outra. Quer entender melhor a Memória viva, a ADUSP tem uma lista de pessoas para entrevistar, pois eles suspenderam as entrevistas por conta da pandemia, agora é possível retomar e ela quer entender o que fica a cargo do ANDES-SN e das seções. Milton informa que não há incompatibilidade e indica uma conversa com a Francieli para dirimir algumas dúvidas. Marinalva sugere entrevistar a partir de um modelo de entrevista e encomendasse, por período, que as seções sindicais fossem fazendo essas entrevistas, tipo a cada dez anos, pensando nas lutas e conjunturas específicas. Pensou também em profissional para gravar. Sidney quer louvar o caminho que estamos trilhando a partir da entidade mãe (o ANDES-SN) e indica que o ANDES-SN coordene e ajude as seções a fazer esses



Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior

arquivos. Que o site do ANDES-SN possa expressar isso. Michele reforça a ideia de Marinalva para que as seções façam esse trabalho a partir de um roteiro (ditadura, redemocratização, lutas, greves), e como isso vai ser apresentado. O ANDES-SN ficaria responsável pelo material que viria das seções sindicais. Marinalva acha que é possível contatar professore(a)s que trabalham temas específicos para colaborar nesse sentido para além do GT. Milton diz que esse ponto tem mais a ver com a Memória Viva do Movimento Docente. Julio César aponta que devemos sugerir que o ANDES-SN faça por períodos de dez em dez anos. Faz uma justificativa para o levantamento histórico. Marinalva diz que para além das entrevistas, podemos usar o que existe nos arquivos. Michele entende que além de produzir, precisa divulgar esse material. Que suba para o site. Júlio César diz que independe de manutenção do mandato nas eleições ou não, nós precisamos fazer. Marinalva sugere um evento de dois dias com um tema do movimento docente para dar força a esta temática, nós vamos passando e o tema vai ficando abandonado. É preciso dar publicidade ao que estamos fazendo. Sandra fala que já temos esta proposição, mas que nossas agendas não permitiram sua implementação neste ano. Milton sugere que o ANDES-SN realize um seminário nacional para aprimorar as questões da memória, comissão da verdade e CEDOC. Silma e Júlio César indicam a criação de uma comissão dentro do GT, mas Milton explica que não existe regimentalmente este tipo de comissão, pois o GT já tem esse encargo. Ana Livia sugere que façamos a distinção do que estamos falando se é do HMD, Memória Viva, ou CEDOC pois essa pauta seria relevante na memória do(a)s entrevistado(a)s. Regina registra que a ADUNICAMP, sugeriu que o(a)s aposentado(a)s contassem a sua história, a história individual e coletiva como forma de preservar esses depoimentos. Para Milton isso representa a presença docente na luta da universidade. Marinalva diz que uma coisa cruza com a outra, não há uma história individual que não se cruze com a coletiva em seguida diz ser importante contatar o pessoal da história para que eles nos auxiliem nessa tarefa, a ADUNICAMP tem muito(a)s docentes que trabalham com HO. Silma sugere que quem não tem historiador na AD, deve pensar em outras áreas, como o pessoal da Educação que também trabalham com temas da memória. Júlio Quevedo



Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior

lembra de Claudio Batalha e Ricardo Antunes que, no âmbito da Unicamp, trabalham essa temática. Michele diz que a ADUSP apoiou um evento organizado por Rodrigo Ricúpero, e pensa numa publicação com base nesse evento, depois pergunta, com relação às publicações com a editora Expressão Popular, se o que temos de resolução é distribuir o que já está publicado, ou podemos publicar novos materiais. Silma consulta a possibilidade de fazermos um seminário ainda este ano para tratar do tema, inclusive indicando a cidade de Uberlândia para receber o evento. José Sávio fez ponderações sobre o calendário para realização de eventos esse ano e informou que esta matéria foi alvo de intensos debates no âmbito da diretoria que teve que reorganizar o calendário de eventos, e sugeriu que a realização seja no primeiro semestre de 2023, essa proposta foi reforçada pela fala de Sandra Marinho. Marinalva sugeriu que a revista Universidade e Sociedade, fizesse uma publicação, com um dossiê, para publicação das entrevistas. As seções deveriam contribuir com essas matérias. Depois sugere retomar o debate sobre o nosso sindicato, pois tem identificado um grande número de desfiliações e estamos perdendo nossa base. Michele diz que já falamos, mas quer reforçar que devemos transformar isso numa publicação e repensar como atingir as pessoas, pois tem recebido reclamações sobre termos de publicações com “textos longos”. Silma acha interessante a ideia do dossiê publicado na revista. Talvez seja preciso fazer uma orientação para que as ADs, de como trabalhar com História Oral. Isso não deveria ficar só com o GT, daí o reforço de criar uma comissão. Regina sugere a utilização de todas as mídias possíveis: revista, aplicativo, podcast, segundo ela, funciona assim na Itália, até os Cines Clubs funcionam como instrumento. Michele comenta que história, além dos registros das pessoas também faz a conexão com as ideias. Resenhas de livros, de filmes que apresentem esses registros históricos porque nossa categoria demonstra não conhecer, o uso da arte para comunicar. Júlio César entende que o ANDES-SN precisa entender que não dá mais para ser analógico, tem que ser digital. Defender o uso da cultura e da arte é uma necessidade, não só para o nosso GT, mas para todos. Se formos fazer, temos que fazer para todas as mídias. O ANDES-SN tem que contratar pessoas da área para fazer essas tarefas. Marinalva diz que nosso drama é fazer com que nossos colegas venham



Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior

para o sindicato. Para pensar em criar um aplicativo, temos que pensar no que vai tratar, pois tem que ser atrativo. O sindicato não tratou a questão do adoecimento da pandemia dentro de suas publicações. Regina diz que temos que entender o que atrairia num podcast, pois hoje nossos/nossas associado(a)s são atraído(a)s apenas por aquilo que os interessa no imediato, como a UNIMED e outros convênios, por exemplo. Milton comenta que somos um sindicato nacional, mas o local que o sindicalizado milita é na seção. Há muitas seções que administram convênios e isso atrairia sindicalizado(a)s, mas temos um preço a pagar por isso. Sidney se diz contente em discutir esse tema, pois as questões administrativas não são pautadas e aqui estamos fazendo isso. Na ADUFU já houve ideia de construir aplicativo, nós já usamos aplicativos, mas eles comumente têm um objetivo específico, tipo supermercado, wase, etc., mas um aplicativo do sindicato seria de outra natureza. O que oferecer para o(a) sindicalizado(a)? Michele coloca que não devemos ceder à virtualidade, nem aos convênios, o que estamos tentando criar aqui é uma tentativa de consciência de movimento sindical, há alguns fundamentos de sindicato que devemos manter. Júlio César diz que temos que combater um inimigo muito poderoso, tipo o uso do SouGov e pergunta, como combater-lo? Para ele nossa tarefa é tornar o aplicativo do ANDES-SN palatável. Nosso combate deve ser em todas as frentes, faz referência ao processo de desescolarização social. Michele relata que sua AD, vem sofrendo pressão para aderir a convênios, mas tem resistido. Sobre modelos de tecnologias, montou um grupo de *whatsapp* e a adesão é voluntária e tem dado bom resultado. Ana Livia questiona qual seria a melhor forma de levarmos a nossa história para nossos/nossas sindicalizado(a)s. Sidney explica porque usou a expressão de que os convênios são o purgatório dos nossos sindicatos, para ele esse é o preço que se paga pela manutenção de convênios. Não consegue ver um App palatável. Júlio César se pergunta como escutar a base e, complicado ou não, a base quer assim e, se a base quer, como não fazer? O jornalismo está em todas as mídias (instagram, whatsapp, telegram, facebook, etc.) e, mesmo o sindicato tentando usar essas mídias as assembleias só lotam quando fala de plano de saúde ou greve. Michele relata que na sua instituição há professore(a)s que lutam por bônus e não por aumento salarial e o embate



Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior

é muito tenso, inclusive com ataques machistas à direção da AD. Júlio Quevedo relata o histórico da existência da APUSM e sua vinculação com planos de saúde, a SEDUFMSM foi levada sob pressão a aderir a UNIMED, agora lá se estabeleceu uma disputa entre as representações. Michele relata um pouco de sua trajetória como docente para contar como a seção sindical faz contato com o(a)s novos/novas ingressantes na USP. Silma diz que essas questões nos ajudam a pensar nossa militância sindical, o que é nossa memória e a do(a)s novos/novas ingressantes e finaliza perguntando por que o(a)s jovens não vêm para o sindicato? Sandra comenta sobre o perfil do novo professorado, destacando que é muito diferente, sem referência de movimento estudantil e já entram num estágio adiantado da carreira. Michele diz que há uma tendência de colocar em confronto professore(a)s mais antigo(a)s e o(a)s mais novos/novas. Silma diz que há uma necessidade de nos aliarmos a outros GTs, como Carreira, pois a memória do movimento docente não passa só por nosso grupo e que há propostas a serem encaminhadas no sentido de discutir, repensar e encaminhar. Marinalva pergunta se será que vale a pena só ouvir os que já passaram pelo movimento ou agregar os que estão entrando? Regina diz entender que a questão do diálogo do registro dessa história deve promover o encontro dessas gerações. Júlio César comenta sobre o contraste de um(a) professor(a) na carreira há 20 anos e um ingressante. Após esse conjunto de falas apontou-se para o agrupamento dos encaminhamentos após o debate dos outros temas, passou-se então para o tema 4 - Comissão da verdade e centros de documentação. Milton fez um informe sobre os antecedentes e resoluções dos 39º e 40º Congressos com relação aos temas. Júlio Quevedo comunica que a CV da UFSM está represada, pois lá se decidiu que seria uma CV conjunta com a administração da universidade e isto está dificultando o funcionamento, pois após entrevistarem um professor (Eduardo Rolim) que foi expurgado, o “papai” (Mariano da Rocha) “fundador da universidade”, a comissão ficou sem condição de atuar, por conta dos conflitos gerados. Michele reforça que a ADUSP tem muito material sobre a ditadura, então se for sair o seminário, talvez fosse importante abrir uma seção para apresentar esse material. Milton comenta que uma das questões mais organizadas dessas comissões é a da Verdade, o ANDES-SN

Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior

tem um farto material que já foi distribuído. Há um mapeamento do(a)s morto(a)s e, que a ideia é fazer um novo seminário da CV, pois após o último, novos documentos foram apresentados. Michele relata que convive ainda com pessoas que foram torturadas e muitas delas têm dificuldade de falar sobre o tema. Cita o caso de Mena Barreto. José Sávio informa que no Acre não foi criada a CV, mas que houve expurgos e perseguições e que lá na UFAC também há um “papai”, que inclusive dá nome ao Campus e que ainda está vivo, mas que há no âmbito da instituição uma comissão, articulada com o ministério público federal para substituir os nomes dos logradouros, prédios e monumentos que homenageiam colaboradore(a)s da ditadura. Júlio César comenta que é incrível como o fascismo está arraigado no meio universitário. É importante documentarmos nossa história, pois eles vão tentar “passar pano” na nossa história. Milton comenta que existe uma quantidade de dedos-duros que ainda estão entre nós. José Sávio comenta que há um texto distribuído pela ANPHU, destacando a questão do historicídio, por isso precisamos estar atentos às reformas no âmbito da educação básica e mesmo das universidades para não sucumbirmos a essa narrativa que eles tentam passar. Júlio Quevedo diz que há um instituto financiado pelo governo do RGS para exaltar figuras da ditadura. Sobre a comissão da verdade, muitas ADs/Seções Sindicais não queriam criar, alegando que suas instituições não existiam no período, o que é um equívoco, para ele é importante que esse GT colabore na formação dessas comissões. Marinalva relata o trabalho feito pela ADUFCG, Patos e outras, sobre o tema ditadura, cita o pesquisador Luciano Mendonça que tem relevante trabalho na área. Júlio César relata o contato com um rapaz que trabalhou com o expurgo de docentes no período da ditadura, saiu de Pelotas pois lá não tinha documentação, e quando ele se deslocou para Santa Maria encontrou tudo jogado. Quevedo relata a queima de documentos no governo Sarney e recentemente quando instituídas as CVs. Michele aponta o caso de uma revogação de demissão de Ana Rosa Kucinsky, torturada e assassinada pela ditadura e só em 2014 e em condições ainda obscuras, tendo seu irmão saído da reunião por não ter suportado a forma como ela foi tratada, relata ainda ataques aos jornalistas da AD porque ele fez matérias enfrentando o gabinete paralelo. Júlio Quevedo relata ter



Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior

visto uma peça sobre Ana Rosa. Acha que o enfraquecimento das CVs do ANDES-SN se dá porque nós começamos muito tarde. O medo está nos inibindo. Silma reclama da limitação de tempo (04 minutos) acha que devemos gastar todo o tempo para tirarmos algumas indicações. Milton explica que temos a todo o tempo, a questão de cronometrar é operacional para dar oportunidade a todo(a)s falarem. Michele diz que temos uma Resolução de que as ADs/Seções Sindicais criem as CVs. Devemos retomar o incentivo a essas criações. Devemos instar a Instituição a essa ação. Sidney relata que em Uberlândia teve comissão da verdade e que professore(a)s da UFU, foram ativo(a)s na luta contra a ditadura e foram indenizado(a)s no processo de reparação. Se for o caso de ativar a CV ele acha possível. Entendem que as CVs mudassem o foco para bater mais no(a)s apoiadore(a)s do bolsonarismo. Sandra relata a experiência da UFAB, o núcleo de estudos feministas produziu um bom trabalho artístico sobre as mulheres torturadas no Nordeste durante a ditadura. O fato do Brasil ter sido o único país onde os torturadores foram anistiados, já diz muito do quanto precisamos continuar atuando. Regina diz que a UNICAMP foi fundada e tem o nome desse “papai” (Zeferino Vaz), que foi o encarregado pela ditadura para sua criação. Michele entende que a proposta de acrescentar no plano de lutas de que as ADs/Seções Sindicais lutem para revogar os diversos títulos, monumentos, homenagens concedidas aos auxiliares da ditadura dentro das universidades. Regina quer fazer um passo atrás sobre o historicídio. Faz referência a plataforma Brasil Paralelo. Milton diz que cabe sim, circulares sobre essas questões, primeiro as ativações das CVs, segundo que congreguemos em um só seminário o CEDOC, a CV e o GTHMD. Que solicitemos a cada Seção Sindical essas informações. Júlio César pergunta quais ADs/Seções Sindicais têm o GT HMD ativo, a proposta é ativação do GTHMD para depois reativar, ou se ainda não, criar as CVs. Em seguida passou-se ao ponto 5 – Projeto sobre o Plano Condor. Milton deu o informe sobre o que trata essa perspectiva de análise. Ana Livia pergunta qual é a ação? Milton explicou que o GT é que tem a incumbência de destrinchar esse tema. Marinalva diz que deve-se tentar identificar pessoas que foram vítimas dessa operação para começar a tratar o tema, cita o exemplo de Câmara Cascudo. Regina cita o filme o dia que durou 21 anos,



Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior

e as possibilidades de identificarmos outros filmes que tratam o tema. Milton diz que temos que dar um passo inicial, o Instituto que estuda a violência aqui em São Paulo, tem muitos dados. Devemos pautar a lei de anistia. Michele pergunta como tratar essa questão, que os GTs ajudem a identificar as vítimas da operação. Silma diz que o que mais a preocupa é o fato que ainda que tenha sido um movimento que se estendeu até os anos 80, no interior, esse tema chega menos. Em Uberlândia não identifica possibilidade de conseguir informação. Só o trabalho vai nos permitir compreender a situação. Júlio César diz que o filme Condor é um bom início para começarmos o debate. Procurar pessoas que estudam o assunto. Documentários, etc. Sem mais inscrições o coordenador indicou que fizéssemos a organização dos encaminhamentos, dos debates foram sugeridos como consensuais os seguintes:

- 1) Realização de um Seminário Nacional sobre a História do Movimento Docente, Comissão da Verdade e CEDOC, no primeiro semestre de 2023;
- 2) Solicitar que as seções sindicais criem ou reativem os GTHMD;
- 3) Criar ou reativar as Comissões da Verdade das seções sindicais;
- 4) Soltar circular sobre os pontos propostos do relatório.

Sobre a Operação Condor, fez-se os seguintes encaminhamentos:

- 1) Através dos GTHMD, Comissão da Verdade locais, façam levantamentos sobre os possíveis personagens mortos/torturados nesse período;
- 2) Localizar se temos pesquisadores sobre esse tema nas universidades;
- 3) Se apropriar do que já temos produzido sobre o tema: cinema, documentários publicações, etc;
- 4) Proposta Michele - Que as seções sindicais façam levantamento e lutem pela revogação de qualquer homenagem feita a torturadores e apoiadores da ditadura militar.



Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior

Propostas de encaminhamentos – Michele Schultz (ADUSP):

- Além da organização física do acervo do ANDES-SN, é importante garantir armazenamento digital, por meio de microfilmagem e/ou digitalização do material. O armazenamento deve considerar os limites da LGPD;
- Incluir nas exposições itinerantes exibições de filmes que tragam de registros do movimento sindical, com debates. Sugestões de filmes: Eles não usam Black Tie, American Factory, O Abraço, filmes do Ken Loach;
- Incluir resenhas ou sinopses de obras que tratem das questões nas nossas publicações (Informandes, revista etc);
- Que o projeto História Oral alterne depoimentos de pessoas jovens há menos tempo com os de jovens há mais tempo;
- Que os depoimentos produzidos em vídeo sejam colocados na capa do site.
- Que o GTHMD desenvolva conjuntamente com o GTCA um conjunto de diretrizes para os registros da história oral, a serem feitos pelas seções sindicais, que poderia ser organizado, a médio e longo prazo, em publicações (livros, dossiês) ou documentários. As diretrizes devem conter marcos históricos que orientem o discurso, p.e., movimento docente durante a ditadura, redemocratização, constituinte, diferentes governos, entre outros;
- Que as seções sindicais façam levantamento e lutem pela revogação de qualquer homenagem feita a torturadores e apoiadores da ditadura militar.



Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior

ANEXO

INFORMES DAS SEÇÕES SINDICAIS

ADUSP

A Adusp foi criada em 1976 como reação ao assassinato de Vladimir Herzog, de forma que entendemos que o movimento docente tem relação direta com a resistência à ditadura militar.

Temos muito material histórico que está organizado fisicamente na sede e recebeu tratamento mais recentemente por adequações à LGPD. Mantivemos o material estritamente com valor histórico e de memória, descartando material com dados sensíveis depois de digitalização e armazenamento em ‘nuvem’ e ‘drive’ externo.

Temos uma considerável produção sobre a ditadura militar, de forma que a Comissão da Verdade da USP referencia material produzido pela ADUSP. O livro ‘Controle Ideológico na USP – 1964-1878 foi reeditado em 2018 pela Edusp.

A ADUSP, pelo advento dos seus 45 anos em 2021, faria uma série de vídeos com colegas que fazem parte da história da entidade. A pandemia impediu que o projeto fosse levado adiante, mas queremos retomar. Esse projeto guarda relação com os projetos Memória Viva do Movimento Docente e História Oral organizados pelo ANDES-SN.

Nossa intenção para o próximo período é formar um GTHMD local, com vistas a organizar o material para uma publicação, possivelmente um livro. Contaremos com a participação do colega Rodrigo Ricupero, ex-presidente da ADUSP e historiador.

Acreditamos que o registro histórico seja essencial não só para preservação das memórias, mas também para que novo(a)s colegas entendam a essencialidade do movimento docente e sindical.